

## **AJANews 87 - Dezembro de 2009 - Feliz Ano Novo!**

**Santo Padre: Mensagem da Jornada Mundial contra a SIDA**

**AJAN: Prosseguimento de uma abordagem holística**

**Bênçãos da quadra festiva!**

### **SANTO PADRE: MENSAGEM DA JORNADA MUNDIAL CONTRA A SIDA**

No próximo dia 1 de Dezembro celebra-se a Jornada mundial contra a SIDA. O meu pensamento e a minha oração dirigem-se a cada pessoa atingida por esta doença, sobretudo às crianças, aos mais pobres, e a quantos são rejeitados. A Igreja não cessa de se prodigalizar para combater a SIDA, através das suas instituições e das pessoas que a isto se dedicam. Exorto todos a dar a própria contribuição com a oração e com a atenção concreta, para que quantos estão atingidos pelo VIH conheçam a presença do Senhor que doa conforto e esperança. Por fim, desejo que, multiplicando e coordenando os esforços, se consiga pôr fim e debelar esta doença.

*O Papa Bento XVI, durante a recitação do Angelus, no dia 29 de Novembro de 2009*

---

### **AJAN: PROSSEGUIMENTO DE UMA ABORDAGEM HOLÍSTICA**

*Em Junho de 2009, quando a AJAN assinalou o seu sétimo aniversário, Philippa Hitchen, da Rádio Vaticano, fez uma entrevista de 15 minutos ao Coordenador da AJAN, Padre Michael Czerny SJ. Seis meses mais tarde, na Jornada Mundial contra a SIDA (1 de Dezembro), o Padre Michael deu outra entrevista à Rádio Vaticano a Fabio Colagrande, desta vez em italiano. A primeira entrevista é apresentada na íntegra, seguida de excertos da segunda.*

#### **Entrevista de Philippa Hitchen**

**Philippa:** *A AJAN foi criada a 21 de Junho de 2002, pelos Superiores Jesuítas de África e Madagáscar (JESAM), como umas das prioridades da Ordem, incentivando os religiosos a acompanharem os que vivem com o HIV e a SIDA e a desenvolverem programas adequados às diferentes circunstâncias locais. Hoje em dia, os membros da Rede desenvolvem a sua actividade em 30 países no Continente africano, coordenados pelo padre jesuíta Michael Czerny, a partir de um gabinete em Nairobi:*

**MCz:** *A AJAN foi criada com o intuito de incentivar os Jesuítas, qualquer que seja o local onde estejam na África Subsaariana, de modo a encorajá-los onde vivem, onde trabalham e com os seus colegas, nos seus ministérios e vida comunitária, a darem uma resposta ao HIV e à SIDA. O mandato é vasto. Não é uma tarefa específica, e não há uma maneira particular de a desenvolver. Uma consequência feliz da nossa missão, sete anos mais tarde, é vermos uma lista dos nomes e o envolvimento de 200 a 300 Jesuítas em África que estão realmente envolvidos de inúmeras e diferentes formas.*

*A maior parte deles tem a sua ocupação normal enquanto Jesuítas: párocos, professores de liceu, directores espirituais, formadores, superiores, noviços e seminaristas. Sendo Jesuítas de todos os graus e tarefas, encontraram formas de responder à SIDA, integradas nas suas ocupações habituais. Além disso, há cerca de duas ou três dúzias de Jesuítas que estão a fazer algo publicamente, de forma visível e envolvidos de forma notória neste combate. A nossa primeira prioridade é envolver*

todos, onde quer que esteja cada Jesuíta, quaisquer que sejam as suas oportunidades. A segunda prioridade - provavelmente aquela em que a maioria das pessoas pensaria - é incentivar programas de maior envergadura explicitamente dedicados à SIDA - com SIDA no nome ou, por assim dizer, "à porta".

**Philippa:** *Então vamos falar sobre alguns desses grandes projectos - que tipos de trabalho estão vocês a tentar dar prioridade nesta batalha contra a doença?*

**MCz:** Por exemplo, num bairro pobre de Lomé, no Togo, há um programa multi-serviços integrado, chamado *Centre Espérance Loyola* (CEL - Centro de Esperança Loyola). As pessoas vêm ao CEL para toda uma série de actividades e serviços relacionados com a SIDA. O CEL está intimamente ligado a um centro educativo, também chamado Loyola, situado no mesmo complexo. Isto significa que as pessoas podem dizer que vão ao "Loyola" sem especificarem o aspecto educativo ou da SIDA. Muitas participam em ambas as vertentes, e é possível atender a várias necessidades diferenciadas.

Em contraste, em Bujumbura, no Burundi, há um pequeno gabinete no centro da cidade onde os colaboradores se preparam para ir até 10 paróquias distantes e praticamente inacessíveis. Este programa específico, que atende às necessidades das diferentes paróquias, está completamente descentralizado. A maior parte do trabalho é feito a partir da carrinha que visita uma paróquia a seguir à outra, apesar de algumas pessoas se deslocarem efectivamente ao gabinete na cidade para receberem cuidados médicos.

**Philippa:** *Então, o mais importante é dar resposta às necessidades individuais das paróquias, comunidades, aldeias -*

**MCz:** - e das escolas. Em Adis Abeba, há um programa excelente que tem por base a capelania universitária. Os estudantes universitários são incentivados e preparados para se envolverem. Encontram pessoas seropositivas que se sentem "encerradas em si mesmas" ou "deitadas fora", mas que, depois de receberem assistência, sentem que foram "salvas" e que têm valor, sendo tratadas de novo como seres humanos. Têm algo a fazer, contribuem para a sensibilização e outras actividades, podendo tomar um pouco conta de si mesmas.

**Philippa:** *Em sua opinião, qual o maior desafio que existe neste trabalho? Falou de uma enorme variedade de diferentes projectos e situações. Qual é para si a verdadeira dificuldade com que ainda se depara?*

**MCz:** Este é uma nova pastoral para a Igreja. Há vinte e cinco anos, não existia; e continuamos a descobrir até que ponto ela é extraordinariamente complexa com as suas múltiplas dimensões.

Uma das dificuldades foi o facto de a SIDA se ter recentemente imposto à nossa atenção e de ter sido uma questão pública posta em grande destaque. Com o envolvimento da ONU, da Iniciativa Bush, de Gates, de Clinton, a SIDA esteve em primeiro plano e bem no centro, durante algum tempo. Mas agora está a perder algum deste protagonismo. Se você for analisar as suas próprias notícias, verá que se fala muito menos da SIDA do que há cinco ou sete anos atrás.

**Philippa:** *Isso será por estarmos a conseguir progressos, ou essa é uma leitura errada*

*da situação?*

**MCz:** Se falarmos da Europa e da América, estamos a conseguir progressos, mas não é tão verdade se estivermos a falar de África. E isso é parte do problema: o modo como as pessoas olham para a SIDA é criado aqui (no Primeiro Mundo), mas não da forma como a vivemos em África. Então, qual é o desafio que se nos coloca? Um dos desafios está em estabelecermos um compromisso a longo prazo. Nós dizemos que a AJAN é um projecto a 100 anos. Vai demorar um século a lidar devidamente com a SIDA, e a AJAN deve trabalhar nisto durante esses 100 anos, e não por menos tempo. Tendo por base as necessidades daqueles a quem servimos e dos muitos milhares e milhões que ainda não servimos, vamos estar presentes até as necessidades ficarem resolvidas. Isto vai demorar gerações a concretizar, e não devemos distrair-nos nem desistir só porque outra coisa qualquer "parece" mais urgente.

**Philippa:** *Quando falamos de sucesso no combate contra o HIV e a SIDA, talvez a sua definição de sucesso seja muito diferente. No mundo secular, sucesso talvez seja conseguir que todos os infectados possam ser tratados com ARV's?*

**MCz:** Conseguir que todos os doentes tomem ARV's não é um mau objectivo, mas de todos os infectados, só cerca de 10-20% podem tomar ARV's, o que deixa 80-90% dos seropositivos com muitas necessidades, que podem constituir um perigo para as outras pessoas, que podem necessitar de apoio e cuidados pastorais, humanos e por vezes materiais. Os fabricantes de ARV's e os financiadores destes programas de grande nome continuam desinteressados e a ter pouca noção da realidade. Por isso, o complexo medicamentoso pode tratar de 10-20%, pelo menos de algumas das suas necessidades. E os outros 80-90%?

**Philippa:** *Estas são pessoas que não estão suficientemente doentes para tomar ARV's?*

**MCz:** Não estão suficientemente doentes para tomar ARV's, ou então já estão demasiado doentes, ou não têm comida que chegue e por isso não podem tomar os medicamentos, ou não têm dinheiro para a passagem de autocarro até à clínica onde os vão levantar, ou ainda não estão informados, ou alguém da família pode matá-los se eles esboçarem um gesto nessa direcção, etc., etc.. São milhares e milhares e milhares de pessoas.

A resposta da Igreja não começa por sentar-se numa cadeira e fazer a pergunta O que havemos de fazer? Onde havemos de ir num todo-o-terreno para prestar serviço a alguém? Não. Como Igreja, nós já estamos lá: estas são as nossas pessoas, os nossos paroquianos, os nossos estudantes. Estas são as famílias de onde vimos e com quem temos de continuar a estar. Essas pessoas têm de sentir com muita força que, apesar de serem seropositivas ou estarem de alguma forma afectadas pela SIDA, são membros de pleno direito da família de Deus, da comunidade cristã e fazem parte integrante das suas próprias famílias naturais - e tudo isto nem sempre é fácil.

**Philippa:** *Conforme disse, a assistência da Igreja neste domínio é extraordinária devido à rede de paróquias e comunidades que sempre estiveram presentes. No entanto, assistimos recentemente e de novo a um ataque, um ataque impiedoso, contra a visão da Igreja em matéria de HIV e SIDA durante a visita do Papa a África, que foi descrita como sendo "irrealista" e "ineficaz". Ficou surpreendido com isto?*

**MCz:** Fiquei surpreendido por ter provocado tanta celeuma, porque nem a pergunta nem a resposta eram grande novidade. Mas talvez tenha acabado por ser uma forma benéfica de ventilar a questão. A pergunta parecia ter a ver com África, mas o alvoroço que suscitou foi muito ocidental: a cultura ocidental, ou cultura global, a embater na abordagem serena e de longo prazo que a Igreja tem relativamente à sexualidade - uma abordagem, vê-se tão claramente, que é tão, tão contra-cultural. Felizmente, a Igreja não vai adaptar a sua abordagem relativamente a algo tão importante como a sexualidade com base numa tendência cultural. Quando o Papa apela à humanização da sexualidade, não vejo como é que alguém de boa vontade possa recusar-se a concordar que é disso que precisamos e o que queremos. Mas a barulheira nem sequer foi tão longe.

**Philippa:** *Mas por que motivo há esta recusa? A questão tem claramente a ver com a utilização do preservativo como meio de prevenção do HIV; e, no entanto, parece ser esta a única questão em torno da qual parece girar todo o debate sobre os cuidados e a prevenção da SIDA do ponto de vista secular.*

**MCz:** Bom, não há grande debate sobre a SIDA na perspectiva secular; já não é o tópico escaldante que foi em tempos. Os grandes programas continuam, pergunto-me se irão sobreviver à actual crise económica. Para além disso, e para além de qualquer conferência científica ocasional, não tenho a certeza de que haja muito interesse, nem vejo muitos artigos publicados sobre esta questão. Por isso, este não foi um assunto muito vivo no qual o Santo Padre se intrometeu, mas antes um assunto mais ou menos adormecido que ele veio despertar.

O preservativo é um objecto concreto e um símbolo, e, por isso, é muito fácil encerrar todo este tema à volta dele. Mas em África, essa não é de certeza a questão, e tenho a impressão de que, mesmo no Ocidente, toda a agitação na comunicação social não é tanto à volta do preservativo como meio de prevenção do HIV. Tem a ver com a possibilidade propriamente dita de haver um Sim e um Não, relativamente à questão da sexualidade. Não é apenas um Sim, a questão simplesmente não é consensual. Há coisas que uma pessoa deve fazer, e coisas que não deve fazer; há pessoas com quem se deve e outras pessoas com quem não se deve. Isto é algo relativamente ao qual a cultura, a sociedade, a religião e a família devem ter algo a dizer; a sexualidade não depende só do que você e eu sentimos no momento.

A mera sugestão tanto do Sim como do Não é inaceitável. Esta é a verdadeira reacção que o Santo Padre despoletou. Em África, a posição dele é muito apreciada porque coincide não necessariamente com a forma como todas as pessoas se comportam em todos os momentos, mas com uma noção de que uma sexualidade humanizada se enquadra no tipo de comunidade humana em que queremos viver, em que a sexualidade está sujeita à nossa própria sensatez e disciplina.

O debate vai continuar, a questão voltará a aparecer.

**Philippa:** *Por que motivo será esta opinião tão difícil de ser aceite? Que mais se pode fazer, talvez, para pôr à prova e promover melhor esta visão holística de longo prazo de que está a falar?*

**MCz:** Não sei no contexto de que questões a Igreja teria oportunidade de se fazer ouvir publicamente sobre a sexualidade hoje em dia. Mas penso que uma nova catequese sobre a sexualidade, fundamentada na frase muito simples e iluminadora,

utilizada pelo Santo Padre - "a humanização da sexualidade" - seria uma boa base para uma abordagem correcta. O que torna a sexualidade verdadeiramente humana? A Igreja e outros grupos religiosos, morais e culturais, têm algo de importante a dizer sobre isso. Se encontrássemos uma maneira de explorar esta direcção, penso que toda a sociedade beneficiaria. Caso contrário, continua a caber aos anunciantes e aos meios de entretenimento a definição dos limites cada vez mais elevados de provocação e excitação. Dizer que isso corresponde a alguma forma de humanização da sexualidade é simplesmente falso.

**Philippa:** *Olhando para o futuro, para os próximos sete anos, quais são as suas maiores esperanças e maiores ambições?*

**MCz:** A minha única, e maior esperança, por muito modesta ou conservadora que pareça, é que possamos continuar. Espero que continuemos a envolver mais Jesuítas. Se há 300 Jesuítas envolvidos agora em África, há ainda mais de 1000 a envolver, por isso há ainda muitas oportunidades para cada Jesuíta fazer alguma coisa relativamente à SIDA. E tenho muita curiosidade em saber que tipos de novos projectos vão aparecer, porque estou bastante certo de que não vamos copiar os projectos que já existem, mas vamos encontrar novas formas de superar a SIDA em contextos diferentes. Isso é maravilhoso.

Estou também muito esperançado de que, na Igreja em sentido mais lato, o ministério da SIDA seja integrado de forma serena, séria e competente naquilo que a Igreja normalmente faz. Assim, daqui a 15 anos, talvez você não necessite de entrevistar ninguém porque será óbvio, pelo menos em África, que a Igreja está envolvida no ministério da SIDA - não por a ONU ter soado o alarme ou por Gates ter dado milhares de milhões, mas porque faz parte da vida. E por ser uma parte importante e difícil da vida, a Igreja quer estar com as pessoas, quando elas estão a passar por essas dificuldades. Assim, qualquer pessoa que esteja com problemas pode recorrer com toda a confiança e normalidade à sua paróquia, à comunidade religiosa local, ao colégio católico ou à capelania universitária e encontrar ajuda compreensiva, competente e desafiadora. Por essa acção, ficaremos todos muito gratos.

A entrevista pode ser ouvida em Inglês no site da AJAN:  
[www.jesuitaids.net/go.aspx?ID=4&B2=50&P0=129&TL=1](http://www.jesuitaids.net/go.aspx?ID=4&B2=50&P0=129&TL=1)

---

### **Entrevista de Fabio Colagrande:**

**Fabio:** *À luz do recente 2º Sínodo dos Bispos para a África, de que forma descreveria a abordagem da AJAN relativamente ao combate à SIDA?*

**MCz:** Parece-me que a nossa abordagem é a que foi sublinhada no Sínodo recente - numa só palavra, a abordagem holística. Levamos a sério todos os aspectos da pessoa humana, incluindo as suas relações - pessoais, com a família, comunidade, cultura e sociedade - e a nossa abordagem é a de acompanhar as pessoas, os jovens, os adultos, os casais, os órfãos, em todas estas dimensões.

**Fabio:** *Conforme disse, a SIDA em África não pode ser abordada como um problema de índole meramente médica e farmacêutica, mas como uma questão de desenvolvimento humano integral e de justiça. Pode dar um exemplo concreto desta*

*forma de enfrentar a SIDA que tem vindo a tentar promover em África já há alguns anos?*

**MCz:** Uma pessoa que contrai HIV irá provavelmente perder o seu emprego. A perda do emprego é, de certa maneira, mais trágica e drástica para essa pessoa e a sua família do que o facto de tomar ou não a sua medicação. Os medicamentos ajudam, mas se uma pessoa não puder trabalhar devido à estigmatização, isto passa a ser uma sentença de morte.

**Fabio:** *Então está a sublinhar que, para além do comportamento sexual, há outras causas que contribuem para o alastramento do vírus HIV e da SIDA, causas sociais que não devem ser subestimadas, mas em vez disso devem ser enfrentadas.*

**MCz:** A SIDA é uma janela que se abre para todos os outros aspectos da vida em África. A luta contra a SIDA, contra a pobreza, contra a violência, transformou-se num combate único e penso que o nosso ministério no campo da SIDA é um contributo importante para o desenvolvimento e o futuro de África enquanto continente, povos e culturas.

**Fabio:** *Já está a ver resultados concretos destes sete anos de actividade?*

**MCz:** Aquilo que fizemos foi incorporar o combate contra a SIDA no trabalho apostólico típico da Companhia de Jesus em África: paróquias, escolas, centros de espiritualidade e de investigação, instituições de ensino e de formação. O HIV não é uma emergência à parte: faz parte da vida, é um dos desafios da vida aqui em África e queremos enfrentar este aspecto, da mesma forma que enfrentamos outros aspectos importantes da problemática africana.

**Fabio:** *Em conjunto com o Papa, os Bispos africanos do SCEAM reafirmaram que o problema não pode ser resolvido apenas com, nem depender exclusiva ou primariamente da distribuição de preservativos. Concorda com isto?*

**MCz:** Eles têm toda a razão. Parece-me evidente que o problema está nas decisões tomadas, ou não, com respeito por si mesmo e pela outra pessoa e com fé em Deus. Esta é a questão principal.

**Fabio:** *Então podemos dizer que, com a vossa abordagem, a componente da educação e da formação figura em primeiro lugar?*

**MCz:** Claro. A Igreja, enquanto tal, não tem soluções técnicas a propor. A Igreja é uma comunidade de pessoas em busca de Deus e de si próprias, da sua vocação. A AJAN dá destaque à formação e às habilitações para a vida - já típicas na Igreja - e o aspecto importante é o facto de já estarmos presentes; a Igreja está aqui e acompanha as pessoas.

---

## **BÊNÇÃOS DA QUADRA FESTIVA!**

*São os desejos do Padre Michael Czerny SJ, Ekeno Augustine SJ e Allen Ottaro, e de todo o pessoal da AJAN House.*

A Rede Jesuíta Africana contra a SIDA deseja-lhe paz e alegria neste Natal e ao longo do Ano Novo. É com muita alegria que enviamos saudações natalícias neste ano em

que, no mês de Outubro, os bispos católicos estiveram reunidos em Roma no 2º Sínodo para a África. Declararam na ocasião: *A Igreja não se deixa relegar para um segundo lugar na luta contra a SIDA e na assistência às pessoas infectadas e afectadas por esta doença em África. O Sínodo agradece a todos aqueles que se comprometeram generosamente neste difícil apostolado de amor e carinho. Que Deus vos dê um Santo e Feliz Natal e um Ano Novo abençoado, com saúde e felicidade! Heri ya Krismasi na Mwaka mpya!*

E com um agradecimento especial de Natal à Redactora Associada da AJAN Danielle Vella (Malta); aos tradutores que, durante todos os meses de 2009, possibilitaram à AJANews comunicar a sua mensagem a toda a África e ao resto do Mundo: Nicole Abbeloos e Anne-Hélène Cauwel (Itália); Isabelle Sorg (Suíça); Celine Warnier de Wailly (França); Mário Almeida SJ, João Caniço SJ e Ana Vozzone (Portugal); Monique Boivin e Robert Czerny (Canadá) e Étienne Triaille SJ (Quénia); e a Stephen Goldring (Canadá) que dá mensalmente apoio técnico à transmissão da AJANews pelo mundo fora. Obrigado a todos e Feliz Ano Novo!

---

Michael Czerny SJ, Redactor e Director  
Danielle Vella, Conselheira de redacção  
Ekeno Augustine Edan SJ, Redactor Associado